

O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA NA REVOLUÇÃO HAITIANA

Cristiane Silva dos Reis (IC) e Suzana Ramos Coutinho (Orientadora).

Apoio: PIBIC Mackpesquisa

RESUMO

O presente artigo tem como finalidade analisar o desenvolvimento do processo de construção da identidade no decorrer da Revolução Haitiana (1791-1804) a partir de uma revisão bibliográfica de autores cujas perspectivas de compreensão se amparam em uma abordagem multidisciplinar a respeito da história latino-americana. Para uma melhor compreensão, o presente artigo buscou entender como a identidade fora utilizada como elemento viabilizador durante o processo revolucionário em São Domingos culminando com a sua independência em 1804. De modo que, a análise desenvolvida ao longo do presente trabalho se restringiu às lideranças de Toussaint Louverture (primeiro estágio da Revolução Haitiana) e de Jean-Jacques Dessalines (segundo estágio da Revolução Haitiana). Também, a partir deste artigo, pretende-se contribuir com a sugestão de novas possibilidades de compreensão e interpretação a respeito da identidade ao considerar a ótica dos ex-escravos e de sua importância enquanto agentes históricos na conquista pela liberdade e na formação de uma nação: o Haiti. Bem como ao longo da análise realizada no presente artigo foi possível se ampliar a concepção da identidade não apenas restrita ao fator étnico, mas interpretada a partir dos projetos políticos envolvidos nos diferentes estágios da Revolução Haitiana o que contribui para o surgimento de novas reflexões sobre a complexidade e heterogeneidade na formação do Haiti enquanto nação.

Palavras-chave: Identidade. Revolução Haitiana. Projetos Políticos.

ABSTRACT

This article aims to analyze the development of the process of identity construction during the Haitian Revolution (1791-1804) based on a bibliographic review of authors whose perspectives of understanding are supported by a multidisciplinary approach to Latin American history. For a better understanding, this article sought to understand how identity was used as an enabling element during the revolutionary process in Saint-Domingue, culminating in its independence in 1804. Thus, the analysis developed throughout this work was restricted to the leaderships of Toussaint Louverture (first stage of the Haitian Revolution) and Jean-Jacques Dessalines (second stage of the Haitian Revolution). This article also intends to contribute by suggesting



new possibilities of understanding and interpreting identity by considering the perspective of former slaves and their importance as historical agents in the conquest for freedom and in the formation of a nation: Haiti. As well as throughout the analysis carried out in this article it was possible to expand the conception of identity not only restricted to the ethnic factor, but interpreted from the political projects involved in the different stages of the Haitian Revolution, which contributes to the emergence of new reflections on the complexity and heterogeneity in the formation of Haiti as a nation.

Keywords: Identity. Haitian Revolution. Political Projects.

INTRODUÇÃO

O presente artigo, de acordo com a pesquisa bibliográfica realizada, objetiva compreender a identidade como um elemento mobilizador no desenvolvimento dos movimentos de emancipação e de independência em São Domingos no final século XVIII e início do século XIX.

Cabe ressaltar que, a fim de refletir como se desenvolveu o processo de construção da identidade na Revolução Haitiana (1791-1804), é importante compreender que a Revolução Haitiana não se constituiu em um processo linear, mas sim, decorreu de movimentos que partiram de insurreições, inicialmente, e que foram se consolidando ao longo do tempo em razão das dinâmicas de poder até culminar com a independência de São Domingos.

Desse modo, buscou-se partir de uma perspectiva mais abrangente ao se estudar o papel da identidade nos processos de emancipação e independência de São Domingos, além de considerar os projetos políticos correlacionados às lideranças de Toussaint Louverture e Jean-Jacques Dessalines. Assim, sob essa perspectiva de análise, se tornou possível refletir a respeito das especificidades e complexidade da Revolução Haitiana a partir de uma reflexão não eurocêntrica e não ocidental, bem como foi possível considerar a Revolução Haitiana como um processo composto por implicações, desencadeamentos e nuances multivariados.

Nessa direção, a partir do presente trabalho, espera-se contribuir para que novas percepções e abordagens sejam reconhecidas a partir do elemento da identidade, uma vez que se constatou que o aspecto étnico não é o único elemento que possibilitou compreender o contexto revolucionário de São Domingos.

Também vale ressaltar que a partir do elemento identitário foi possível encontrar novas chaves de compreensão a respeito do modo como as relações de poder foram estabelecidas em São Domingos e, posteriormente, no Haiti, a partir dos projetos políticos sob a ótica dos agentes históricos insurgentes e revolucionários, ampliando-se assim, a compreensão do próprio termo “revolução” no âmbito latino-americano.

CONTEXTO HISTÓRICO

No século XVIII, na colônia francesa Saint-Domingue, também conhecida como São Domingos, considerada a “a pérola das Antilhas”, se desenvolveram uma série de insurreições de escravos que culminaram na Revolução do Haiti.

Nesse sentido, a ilha caribenha era povoada por nativos, e posteriormente, foi denominada de “Hispaniola” por Cristóvão Colombo em 1492. A respeito da ocupação europeia na referida ilha, Andrade (2019, p. 17) esclarece que

O solo da ilha ficou marcado para sempre pela tragédia histórica da primeira invasão europeia ao novo continente. A ilha, um território secundário para os colonizadores espanhóis, então ocupados com o saque do imenso continente americano, foi povoada em seu lado oeste por colonos franceses. No século XVII, a colônia espanhola conhecia uma decadência progressiva, enquanto os franceses passaram a ocupar efetivamente a parte oeste abandonada pelos espanhóis.

E em 1697, por meio do Tratado de Ryswick, a Espanha concedeu à França a parcela ocidental de Hispaniola delimitando os contornos da ilha. Assim, de acordo com James (2010, p. 20):

[...] em 1697, o Tratado de Ryswick entre França e Espanha deu aos franceses direito legal sobre a parte ocidental da ilha. Em 1734, os colonizadores começaram a cultivar o café. A terra era fértil e a França oferecia um bom mercado. Mas eles tinham falta de mão de obra. Além dos negros, trouxeram brancos, os *engagés*, que poderiam ser libertados depois de um período de alguns anos.

Para Drescher (2011, p. 207), São Domingos “era a mais valiosa de todas as colônias francesas”. E o mesmo autor (2011, p. 207) ao mencionar a “Pérola das Antilhas” afirma que “[...] essa “Pérola das Antilhas” era responsável por dois quintos do comércio ultramarino da França. Dois terços dos investimentos ultramarinos franceses iam para essa colônia”.

Entretanto, é pertinente destacar que a Revolução Haitiana deve ser analisada como um processo complexo. A esse respeito, Marquese (2004, p. 124) ao analisar a relação entre senhores e escravos nas Américas, registrou o seguinte:

[...] o conflito entre negros e mulatos livres, por um lado, e proprietários brancos, por outro, acirrou-se durante o ano de 1790, distendendo-se logo em conflito aberto. Até meados de 1791, essas lutas não comprometeram a economia escravista de São Domingos.

Nessa perspectiva de análise, Andrade (2019, p. 30) reconhece que em São Domingos, mesmo antes do período revolucionário pela independência, já existia uma divisão social que fora suspensa em razão da luta pela liberdade do país. Sendo assim, a respeito dos grupos sociais em São Domingos, Andrade (2019, p. 30) destaca que

Os mestiços faziam parte de uma camada social que tivera mais acesso à educação e havia recebido privilégios econômicos, políticos e sociais dos antigos colonizadores franceses. Muitos desenvolveram, como expressão dessas diferenciações, preconceitos em relação aos negros de pele mais



escura, que eram em sua esmagadora maioria analfabetos, pobres e agrupados principalmente em torno da liderança de Dessalines.

Desse modo, é oportuna a adoção de uma abordagem que preconiza a ótica revolucionária ao possibilitar uma análise mais atenta sobre outros agentes históricos que atuaram nessa revolução entendida como um processo. Nessa direção, Santos (2018, p. 75) em relação ao termo “revolução” no contexto latino-americano, afirma que “Essa abordagem que preza pelo viés revolucionário das independências latinas, pela análise das mudanças e rupturas, tem a vantagem de propiciar novas leituras e trazer à tona novos atores sociais”.

Assim, o Haiti se tornou a primeira república negra constituída por ex-escravos, esses entendidos como agentes históricos. E a esse respeito Buck-Morss (2017, p. 57) delineia que “Apesar de a abolição da escravatura ser a única consequência logicamente possível da ideia de liberdade universal, ela não se realizou por meio das ideias, nem mesmo pelas ações revolucionárias dos franceses, mas sim graças às ações dos próprios escravos. O epicentro dessa luta foi a colônia de Saint-Domingue”.

No que diz respeito à Revolução Haitiana, é necessário refletir sobre a influência da Revolução Francesa nas insurreições que ocorreram na ilha de São Domingos rumo à independência. Segundo Morel (2017) existe uma tendência em atribuir à Revolução Francesa o fator preponderante na deflagração da Revolução Haitiana.

Entretanto, para Morel (2017, p. 86), a Revolução Francesa apenas ratificou uma situação que já era preexistente na ilha de São Domingos, além de apontar que “[...] o enfraquecimento do centro de poder da metrópole favoreceu a eclosão de forças potencialmente revolucionárias, já existentes na sociedade escravista colonial da ilha do Caribe”.

Em seguida, Morel (2017, p. 85) reconhece que a fragilidade política da metrópole francesa viabilizou a destruição dos aparatos coloniais, porém, para que o processo revolucionário se desencadeasse era necessária a presença dos agentes históricos locais. Nesse sentido, é importante compreender a Revolução Haitiana a partir da atuação dos seus agentes históricos na conquista pela liberdade da porção ocidental da ilha caribenha e não como uma concessão realizada pela metrópole francesa.

Morel (2017, p. 10) também compreende que a Revolução Haitiana teve início a partir de várias insurreições ao se consolidar como processo revolucionário por meio de uma guerra civil interna e externa, “realizada por cativos, libertos e homens livres (negros, mulatos e raros brancos) que, por esta via, chegaram ao poder, fato único na história”.

Em seguida, cabe destacar que em agosto de 1791, em uma cerimônia vodú ocorreram os primeiros passos da insurreição de escravos em São Domingos. Sobre isso, Morel (2017, p. 60) destaca que Georges Biassou que nasceu escravo, “foi um dos participantes da cerimônia do Bosque Caiman, evento mítico e histórico ocorrido nas florestas do Norte da ilha e que marcou simbolicamente o início da Revolução do Haiti”. E Toussaint Louverture passou a se destacar nesse momento como auxiliar de campo de Georges Biassou, obtendo em seguida maior espaço na liderança tanto militar quanto política.

Nesse sentido, a compreensão acerca da Revolução Haitiana deve ser realizada de modo cauteloso, uma vez que a complexidade da sociedade e da história haitianas decorrem de um arcabouço multicultural e heterogêneo marcado por dinâmicas de poder multivariadas.

CARÁTER TRANSCULTURAL DA SOCIEDADE DE SÃO DOMINGOS

A complexidade da sociedade de São Domingos deve ser considerada na análise do processo em que se desenvolveu a construção de uma identidade como elemento condutor do processo revolucionário haitiano marcado por aspectos multiculturais dos agentes históricos envolvidos.

De acordo com Dubois (2022, p. 18) “A Revolução Haitiana foi um movimento singularmente transcultural. A população de Saint-Domingue, no século XVIII, não era só majoritariamente escrava; era também majoritariamente africana” e em razão da diversidade étnica, os escravos africanos contribuiriam com suas peculiaridades culturais de modos distintos nos estágios do movimento revolucionário da ilha caribenha. Daí ser mais adequada a adoção da abordagem que preconiza os projetos políticos no decorrer do processo revolucionário em análise.

Nesse sentido, Ramos (1979, p. 106) questiona a respeito da origem dos escravos africanos transportados para São Domingos:

Qual a procedência dos negros haitianos? Na ilha de São Domingos desembarcaram negros escravos das mais diversas procedências. Povos sudaneses, da África ocidental e sudaneses islamizados e povos bantus formaram em São Domingos um conjunto bastante heterogêneo.

Também é relevante destacar que a respeito da formação social existente em São Domingos, Santos (2018, p.25) reconhece o seguinte:

Os escravizados formavam um importante grupo nessa sociedade, que também contava com uma elite branca proprietária de terras e escravizados, chamada *grands blancs*; com uma parcela de pequenos comerciantes e artesãos, denominados *petits blancs*; e com um grupo de escravizados libertos, denominados *affranchis*. Esse último grupo, por vezes, chegava a

postos administrativos e a adquirir propriedades, mas não tinha poder político efetivo na ilha.

A esse respeito, Morel (2017, p. 94) sugere um esquema explicativo, sem desconsiderar a complexidade da sociedade haitiana, ao apresentar como era composta socialmente a realidade de São Domingos no século XVIII: “negros/revolucionários/miseráveis socialmente”; “mulatos/moderados/remediados financeiramente” e “brancos/reacionários/ricos”.

Nessa mesma linha de raciocínio, é importante ponderar que o termo “mulato” não é adequado para sintetizar a realidade da formação étnica do Haiti, mas o termo mais adequado é “gens de couleur”. Ademais, Dubois (2022, p. 19) salienta que se “[...] evite uso de designações raciais - branco, mulato, negro - como categorias que podem gerar explicações em vez de artefatos sociais que precisam ser explicados”. Além disso, Dubois (2022, p. 19) sobre o uso indiscriminado do termo “mulato” em relação aos indivíduos mestiços em São Domingos, preconiza que “Por essa razão, evitei usar o termo, que racializa e simplifica uma realidade complexa, em favor do termo *gens de couleur* que traduzo como “pessoas de cor livres” ou “de cor livres”.

Porém, quanto à classificação social na ilha de São Domingos, Morel (2017, p.94) alerta o seguinte:

Rotulação talvez fácil demais. Há consideráveis nuances, variantes e certas objeções. Esta divisão faz sentido na medida em que o conflito mais importante era entre os escravos e os senhores e as diferenças sociais e políticas vinham etiquetadas pela identidade racial. O principal motor de transformação foi a luta dos trabalhadores escravizados. Mas a Revolução do Haiti, apesar deste eixo central de confronto, foi multicolorida e, não, conduzida unicamente pelos cativos, embora estes tenham constituído sua principal força e identidade. Ao contrário, pode-se dizer que a condução política, ao final das contas e da Revolução, ficou nas mãos dos negros e mulatos, libertos ou livres já anteriormente a 1791.

Na reflexão realizada por Morel (2017, p. 83), é salientado que não houve uma integração do escravo africano com os proprietários e administradores coloniais, de modo que foi imposta uma espécie de barreira social entre os grupos dominantes e os grupos minoritários da sociedade de São Domingos contribuindo para a configuração de uma sociedade baseada na violência e no racismo.

Nessa concepção, Drescher (2011) pondera que é adequado adotar o termo “elasticidade” quando se analisa a Revolução Haitiana, uma vez que diante da complexidade do contexto de São Domingos, as insurreições ocorriam permeadas por constantes reviravoltas. Assim, Drescher (2011, p. 224) reconhece que “A grande revolta de São

Domingos de 1791 foi extraordinária pela extensão da conspiração, pela solidez do levante, pela rapidez de sua expansão e, acima de tudo, por sua elasticidade”.

O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA NA REVOLUÇÃO HAITIANA

Partindo-se de uma abordagem não eurocêntrica, é possível compreender a construção identitária na Revolução Haitiana em razão dos projetos políticos instituídos durante o movimento revolucionário e não a partir da identidade baseada apenas no fator étnico. Nesse sentido, a sociedade haitiana era formada, sobretudo, por escravos africanos de diversas etnias.

Assim, a complexidade étnica foi direcionada por meio de elementos aglutinadores (mobilizadores) em torno de projetos políticos que defendiam a liberdade e a cidadania. Daí, ser mais adequado adotar a abordagem que preconiza os projetos políticos durante o processo revolucionário de São Domingos, porém, é importante destacar que o elemento étnico não é desconsiderado, mas é analisado sob a perspectiva norteadada pelos projetos políticos. A esse respeito, Dubois (2022, p. 19) salienta o seguinte:

[...] a identificação racial foi uma parte crucial da revolução e, juntamente com os fatores econômicos, sociais e culturais, influenciou a maneira como indivíduos e grupos agiram e responderam uns aos outros. Ao mesmo tempo, complicadas forças ideológicas e políticas muitas vezes dividiram os grupos que tendemos a ver como unidos pela “raça”. A abordagem mais útil é se concentrar nos projetos políticos que surgiram nos diferentes estágios da revolução e nas formas que os moldaram, e, por sua vez, moldaram os indivíduos e os grupos que os articularam”.

Desse modo, o processo de construção identitária pode ser melhor compreendido a partir da abordagem que preconiza os projetos políticos durante o percurso da Revolução Haitiana, uma vez que a identidade baseada somente no elemento étnico se mostra insuficiente na compreensão da complexa realidade haitiana. Nessa direção, foi possível reconhecer a existência dos seguintes projetos políticos, o primeiro, embasado na emancipação de São Domingos e, o segundo, um projeto político norteadado pela independência a partir da criação de uma nova nação: o Haiti.

Assim, ao se refletir sobre o modo como a identidade foi construída durante o contexto revolucionário da ilha de São Domingos (1791-1804), é possível elencar alguns pressupostos apresentados por Woodward (2014, p. 9) que defende a identidade que se perfaz em uma situação em que existe o outro, de modo que existe uma situação relacional, bem como por meio dessa relação existe o caráter da diferença que marca os sujeitos, além de estabelecer uma exclusão.

Mais adiante, Grondin (1985, p.77) pondera que existiriam dois fatores preponderantes de coesão que contribuíram muito para a consecução da independência haitiana, sendo eles: o vodu e o créole como instrumentos de mobilização.

Nessa mesma linha de raciocínio, Seitenfus (2014, p. 54) afirma que

[...] o vodu foi um extraordinário cimento para a coesão social durante a época da escravidão e um formidável instrumento de mobilização quando da luta pela libertação. Ainda hoje dominante, o vodu se recusa a render-se à modernidade.

Diante disso, a identidade foi organizada em torno de projetos políticos que defendiam o fim da escravidão em São Domingos por meio da conquista popular embasada nos princípios de igualdade, fraternidade e de uma formação de uma cidadania a fim de se acabar com o preconceito racial.

Desse modo, o projeto político se tornou um elemento que conseguiu aglutinar as demandas comuns entre os escravos pertencentes às etnias diversas. Assim, cabe mencionar que o quadro marcado por uma variedade de etnias era um estratagema utilizado pelos proprietários de escravos como mecanismo para evitar a resistência e insurreições dos indivíduos escravizados. Nessa direção, Grondin (1985, p. 19) afirma que “a desarticulação sistemática dos grupos étnicos impediu a difusão de um conjunto ou de conjuntos uniformes e integrais de organização, crenças, costumes, línguas ou outras expressões culturais”.

Em seguida, Déus (2021, p. 31) ao se basear no livro do teórico e sociólogo Stuart Hall¹, apresentou a noção de cultura compartilhada, além de destacar que a identidade haitiana não é uma noção fixa e imutável, mas sim, “a identidade pode ser modificada de acordo com o modo como o sujeito é tratado ou representado”. Daí a importância de compreender a Revolução Haitiana a partir de sua formação complexa e multicultural.

E ainda, ao adotar a compreensão de Stuart Hall, Déus (2021, p. 31) pondera a respeito da identidade não como um elemento decorrente de uma ação automática, mas a partir de uma ideia de ganho ou perda e essa noção elucida o exemplo haitiano:

Nessa linha, o autor deixa entender que é impossível existir uma identidade segura, estável, unificada e coerente. Pois, conforme os sistemas de significado e de representação cultural estão sendo multiplicados, os indivíduos passam a se confrontar com uma multiplicidade difusa, confusa e fluida de identidades possíveis, e eles podem se identificar com cada uma delas. Assim, a identidade pode ser modificada de acordo com o modo como o sujeito é tratado ou representado. O que faz com que a identificação não seja mais automática, mas pode ser ganha ou perdida.

¹ HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 12. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2022.

Isto posto, Woodward (2014) analisa que na construção da identidade estão envolvidos elementos que estabelecem significados a determinados aspectos que decorrem das relações de poder. Assim, Woodward (2014, p. 19) entende que “[...] as práticas de significação que produzem significados envolvem relações de poder, incluindo o poder para definir quem é incluído e quem é excluído”.

Para Andrade (2019, p.29), Jean-Jacques Dessalines encaminhou o processo de construção da identidade durante a Revolução Haitiana por meio do resgate do nome indígena “Ayiti” em 1º de janeiro de 1804 ao proclamar a independência do Haiti como a “primeira república negra do mundo, aspiração maior de liberdade de todos os escravos das Américas”.

Bem como, essa percepção da possibilidade de atribuir uma nova identidade, no caso do Haiti, envolve relações de poder, uma vez que é “desfeita” a antiga denominação de São Domingos que representava o contexto escravocrata a partir de uma nova designação para a nascente nação que percorreria o caminho da liberdade.

Assim, na construção da identidade durante a Revolução Haitiana estão envolvidos elementos simbólicos que dão novas percepções às trajetórias a serem seguidas pela nova nação. Nessa direção, Woodward (2014, p. 20) elucida que

Os sistemas simbólicos fornecem novas formas de se dar sentido à experiência das divisões e desigualdades sociais e aos meios pelos quais alguns grupos são excluídos e estigmatizados. As identidades são contestadas.

Tal afirmação destacada acima, remonta ao caráter da formação da nova nação (Haiti) ao abranger os ex-escravizados como portadores de liberdade, de cidadania e reconhecidos como agentes históricos. E a partir disso, Woodward (2019, p.19) defende que a identidade é moldada pela cultura “[...] ao dar sentido à experiência e ao tornar possível optar, entre as várias identidades possíveis, por um modo específico de subjetividade”. Nessa direção, esse “modo específico de subjetividade” pode ser melhor reconhecido sob à égide dos projetos políticos como elementos condutores no processo revolucionário em análise.

Ademais, outro aspecto que merece ser destacado diz respeito à noção da relação entre identidade e diferença a partir de um contexto marcado por “produção ativa”, ou seja, a identidade não é um elemento natural, mas sim, decorrente de uma prática cultural. Desse modo, Silva (2014, p. 76) afirma o seguinte:

A identidade e a diferença têm que ser ativamente produzidas. Elas não são criaturas do mundo natural ou de um mundo transcendental, mas do mundo cultural e social. Somos nós que as fabricamos, no contexto de relações culturais e sociais. A identidade e a diferença são criações sociais e culturais.

E a partir dessa relação entre identidade e diferença, é necessário refletir de modo crítico a respeito do contexto da Revolução Haitiana, uma vez que havia uma estreita vinculação entre cor da pele e classe social entre os habitantes de São Domingos.

Nesse sentido, Grondin (1985, p. 38) ao discorrer sobre classes sociais, cor e cultura no Haiti, reconheceu que a partir da abolição da escravidão em 1794, um setor de negros libertos foi estabelecido de modo privilegiado no novo contexto em que o poder militar atuou como uma porta de entrada à esfera política e assim, à esfera econômica.

E ao se vislumbrar a identidade como um elemento produzido culturalmente e que está vinculada às relações de poder, é possível se constatar que na Revolução Haitiana a identidade foi construída a partir de projetos políticos que buscavam reconhecer os escravos negros como sujeitos de humanidade e assim, também serem destinatários de uma cidadania que legasse a universalidade da liberdade.

Ainda ao continuar a reflexão a respeito do modo como a identidade foi construída durante a Revolução Haitiana, é interessante pontuar que o ato de atribuir uma identidade resulta do próprio aspecto decorrente do movimento pela liberdade implicando em uma autodeterminação dos escravos negros de São Domingos. Assim, de acordo com Déus (2021, p. 29), isso só foi possível a partir da atuação de Toussaint Louverture:

[...] não é um exagero afirmar que, desde a implantação do sistema escravocrata no continente americano, uma afirmação efetiva de pessoas negras como sujeito só foi possível quando Toussaint L'Ouverture derrotou os colonizadores franceses.

Desse modo, ao se considerar o exemplo revolucionário haitiano, é possível refletir que a identidade foi construída de modo que os escravos negros passassem a ser considerados cidadãos a partir dos projetos políticos que viabilizaram os esforços em comum para que a Revolução Haitiana fosse conduzida a fim de extinguir a instituição do sistema escravocrata instaurado em São Domingos.

PROJETOS POLÍTICOS EM TOUSSAINT LOUVERTURE, EM JEAN-JACQUES DESSALINES E AS FASES DA REVOLUÇÃO HAITIANA (EMANCIPAÇÃO E INDEPENDÊNCIA)

Para uma compreensão mais elucidativa a respeito do processo de construção identitária no percurso da Revolução Haitiana, a abordagem mais adequada é analisar o referido processo revolucionário a partir dos projetos políticos idealizados nos estágios identificados no complexo contexto revolucionário de São Domingos.

Também é interessante destacar que os projetos políticos foram sendo “moldados” conforme decorria o processo revolucionário, uma vez que o elemento étnico não é suficiente

para explicar a complexidade do contexto específico de São Domingos, bem como compreender que a Revolução Haitiana não ocorreu de modo linear e tênue.

Sobretudo, se faz necessário mencionar que em relação à Revolução Haitiana não houve um processo de transição entre o fim da escravidão e o estabelecimento da liberdade em São Domingos. A esse respeito, no prólogo de seu livro, Dubois (2022, p. 17) entende que a abolição da escravidão se deu de modo abrupto e sem um período de transição, a instauração de uma nova realidade:

A abolição em Saint-Domingue ocorreu abruptamente, sem um período de transição, do tipo que estava em curso no Norte dos Estados Unidos, e que era defendido pela maioria dos abolicionistas. Diante de uma situação dramaticamente nova, os administradores de Saint-Domingue tiveram de inventar um regime para conter e canalizar o impacto da emancipação. Em poucos anos, aqueles que supervisionavam os novos regimes de trabalho que substituíam a escravidão eram negros e, muitas vezes, ex-escravos.

Nesse sentido, a fim de analisar de modo mais específico os meandros dessa revolução, foi possível a partir dos referenciais bibliográficos constatar que a Revolução Haitiana foi erigida em dois estágios de conflito em busca de autonomia e liberdade.

Ademais, de acordo com Santos (2018, p. 41):

A revolta na ilha partiu de um grupo inusitado: dos escravizados. Articulado politicamente e organizado militarmente, esse grupo conseguiu levar a cabo um processo revolucionário inédito em um cenário de grande caos social, invasões estrangeiras e estagnação econômica.

Sendo assim, na primeira fase, ou primeiro estágio, buscou-se a emancipação política de São Domingos cuja liderança foi representada por Toussaint Louverture a partir do projeto político baseado na valorização da fraternidade republicana. Enquanto que na segunda fase ou segundo estágio, buscou-se a total independência de São Domingos em relação à metrópole francesa a partir de uma revolução liderada por Jean-Jacques Dessalines cujo projeto político se baseou na criação de uma nação.

TOUSSAINT LOUVERTURE E A EMANCIPAÇÃO DE SÃO DOMINGOS: A FRATERNIDADE REPUBLICANA

A respeito da conquista da liberdade e da emancipação de São Domingos, Toussaint Louverture assumiu um papel central no movimento de insurreição e compactuou com a concepção da abolição da escravidão como decorrente de um ato de conquista e não de uma concessão francesa. Nessa direção, Dubois (2022, p.236) também compreende que Toussaint Louverture, a partir da emancipação da ilha de São Domingos, objetivava a manutenção da liberdade da ilha.

Nessa perspectiva de análise, é importante reconhecer que para Toussaint Louverture a fraternidade republicana era um elemento essencial para o estabelecimento de uma identidade em comum a fim de atrair a população negra em São Domingos durante o percurso das insurreições. De acordo com Hazareesingh (2021, p. 150) “A retórica da fraternidade republicana de Toussaint era, portanto, um instrumento eficaz para atrair populações negras para sua causa”. Desse modo, tal projeto político favoreceu a mobilização para a conquista da emancipação de São Domingos.

No processo revolucionário, Toussaint Louverture se baseou em uma “fraternidade republicana” como elemento aglutinador na constituição de uma identidade comum entre os insurgentes da porção ocidental da ilha caribenha e entre aqueles que se identificavam com a causa libertária a partir dos projetos políticos apresentados pelo referido líder.

Cabe ressaltar que é necessário compreender o modo como a identidade foi construída durante a Revolução Haitiana a partir de uma percepção multidisciplinar, de modo que essa ideia de fraternidade republicana se amparava em aspectos morais, religiosos, militares e étnicos, por exemplo. Desse modo, Hazareesingh (2021, p. 139), a respeito da maneira como Toussaint Louverture conseguiu atrair as massas populares de São Domingos para a emancipação da ilha, discorre que

Por ser Toussaint ao mesmo tempo soldado, estadista e homem de ideias, sua linguagem variava de acordo com o contexto; suas ideias sobre fraternidade vinham de noções republicanas, mas também cristãs, africanas e indígenas, e, especialmente quando se dirigia a populações camponesas, eram expressas através de pitorescas parábolas e metáforas crioulas, que seus irmãos *bossales* entendiam; um admirador contemporâneo escreveu sobre o ‘gênio africano’ de Toussaint.

E ao se refletir sobre o modo como Toussaint Louverture empreendeu seus esforços em efetivar a fraternidade republicana, deve-se considerar uma confluência de aspectos multivariados que mesclavam virtudes cristãs com ideais universais de justiça. Porém, Hazareesingh (2021, p. 215) salienta que Toussaint Louverture também era inspirado por valores católicos a fim de compor o “[...] sistema de valores republicanos e de seu misticismo caribenho, mas também de sua fé cristã”.

Ainda de acordo com o historiador Hazareesingh (2021, p. 341) “o governo republicano de Toussaint estava ancorado numa visão altamente paternalista da sociedade”. Bem como essa fraternidade republicana preconizada por Louverture consistia, de acordo com Hazareesingh (2021, p. 143) em:

[...] um conceito de múltiplas camadas: todos os negros de Saint-Domingue eram potencialmente seus “irmãos”, mas essa fraternidade não se limitava a uma comunidade, incluindo também brancos e mestiços, republicanos da

França e todos os homens e mulheres do Atlântico que participavam de uma guerra justa contra a escravidão.

Assim, à luz da fraternidade republicana, Hazareesingh (2021, p.171) alerta que “Toussaint contestava o pensamento revolucionário francês e combinava valores universais com a situação específica de Saint-Domingue”. Desse modo, conforme Hazareesingh (2021, p. 173) é interessante perceber quais eram os mecanismos que estruturavam a fraternidade republicana defendida por Toussaint Louverture, tais como: cuidar dos interesses de seu exército republicano; promover o ideal de reconciliação nacional e proteção do povo contra a perspectiva de escravização britânica.

Nessa direção, a adoção dessa abordagem contribui para uma visão mais abrangente do modo como essa fraternidade republicana foi inserida no contexto de São Domingos a partir da existência de projetos políticos que orientaram as demandas coletivas da ilha.

Ainda sob a ótica republicana, Hazareesingh (2021) discorre que a ideia de fraternidade republicana representava um verdadeiro “conceito inovador de ordem cívica” que não se restringia apenas ao caráter subjetivo dessa fraternidade, mas também se referia ao caráter prático da fraternidade republicana por meio da participação ativa dos cidadãos haitianos, sendo possível reconhecer os insurgentes da ilha como autênticos sujeitos históricos em ação.

Para Hazareesingh (2021, p. 219), a exigência de Toussaint Louverture no cumprimento das obrigações pelos cidadãos consolidaria o princípio republicano como algo virtuoso. Assim, ao destacar os dizeres de Hazareesingh (2021, p. 171) é possível discorrer que

[...] a cidadania era baseada não apenas em princípios abstratos, como igualdade e fraternidade, mas também na participação ativa em defesa da comunidade; paralelamente, legitimava a revolta de escravizados de 1791, fazendo dela um dos pilares de sua visão de Saint-Domingue republicana.

Em seguida, em relação ao perfil militar e pessoal de Toussaint Louverture, Morel (2017) destaca que o referido líder atuou de modo notório ao objetivar a conquista do fim da escravidão em São Domingos. Nesse sentido, Morel (2017, p. 64) afirma que Toussaint Louverture elaborou a primeira Constituição de Saint-Domingue em 1801:

Ele outorgou a primeira Constituição autônoma para o território, em 1801, onde se abolia a escravidão, se garantia o direito de propriedade, proclamava-se a igualdade sem distinção racial e a preeminência da religião católica. E atuava no sentido mal dissimulado de erodir a dominação colonial.

Cabe lembrar que a Revolução Haitiana perdurou 13 anos (1791-1804) e teve vários líderes, dentre eles o que mais se destacava era Toussaint Louverture. De acordo com Morel

(2017, p. 62), Toussaint Louverture era o “Principal líder político e militar da Revolução do Haiti, seu nome tornou-se símbolo deste processo, embora tenha falecido nove meses antes da Proclamação da Independência”.

Nesse sentido, Hazareesingh (2021), na obra biográfica desse líder revolucionário, destaca que o “caráter louverturiano” da república é uma tônica latente no processo de construção da identidade durante a Revolução Haitiana. Desse modo, esse “caráter louverturiano” pode ser compreendido a partir dos seguintes elementos: disciplina rigorosa, serviço para o bem comum e esforço coletivo. Também é salientado por Hazareesingh (2021, p. 231) que Toussaint Louverture acreditava que a república perfeita resultaria de um trabalho coletivo, bem como seria necessário conciliar a transformação revolucionária com a ordem social.

Ainda de acordo com Hazareesingh (2021, p. 161), Toussaint Louverture buscava forjar um sentimento de fraternidade entre as diferentes comunidades de São Domingos por meio da atuação revolucionária em frentes diversas. A esse respeito, é importante mencionar que para Hazareesingh (2021, p. 209), essa fraternidade defendida por Toussaint Louverture possuía um caráter peculiar ancorado em um “[...] republicanismo crioulo, uma combinação única de elementos europeus, africanos e indígenas”.

Sob essa perspectiva, Hazareesingh (2021, p. 143) destaca que a autonomia da ilha de São Domingos seria obtida por meio da união dos mais diferentes grupos sociais que viviam em São Domingos por meio da consolidação da emancipação na qual Toussaint Louverture tinha como escopo “forjar um senso de união na população negra de São Domingos”.

Sobre esse primeiro momento da Revolução Haitiana, Andrade (2019, p. 23) afirma o seguinte:

Destaque-se que seu objetivo inicial não era a independência do Haiti, mas a autonomia da ilha, com liberdade para os negros, no contexto de uma república francesa revolucionária e democrática, mas Toussaint jamais recebeu autorização do governo de Paris para ocupar a ex-colônia espanhola.

Porém, é pertinente ponderar que Toussaint Louverture não articulava um rompimento total com a metrópole francesa, mas sim, desejava conquistar a emancipação política. E sob essa perspectiva de análise, Dubois (2022, p.276) elucida que

[...] Louverture nunca articulou um plano de independência do tipo que alguns observadores britânicos e norte-americanos lhe atribuíram. Ao fortalecer a autonomia de seu regime, Louverture estava se preparando não para romper com a França, mas renegociar a relação da colônia com a metrópole.

Dubois (2022) também reflete sobre a existência de uma relação distinta a ser desenvolvida com a metrópole francesa a partir da aquisição da emancipação. Nesse sentido, Dubois (2022, p. 16) ao se referir ao primeiro estágio da Revolução Haitiana, reconhece que a emancipação de São Domingos atuaria como um “[...] modelo para um tipo diferente de relação imperial”.

Nesse sentido, Hazareesingh (2021, p. 219) em relação ao projeto político de emancipação defendido por Toussaint Louverture destaca que esse líder

[...] oferecia a promessa de paz civil, a cura de feridas antigas em nome da reconciliação nacional e a segurança e a proteção dos direitos iguais para todos os cidadãos, fossem homens ou mulheres; brancos, mestiços ou negros; proprietários, comerciantes ou trabalhadores; do norte, do oeste ou do sul. Mas era também uma perspectiva exigente, pois Toussaint deixava claro que os direitos traziam obrigações políticas, morais e econômicas, e que esperava que os cidadãos de sua virtuosa república estivessem à altura deles.

Em seguida, Andrade (2019, p. 26), em relação à detenção de Toussaint Louverture pelos franceses, discorre o seguinte:

No dia 5 de maio de 1802 Toussaint negociou a rendição. Um mês mais tarde, os franceses, que haviam assegurado sua liberdade, o prenderam e o levaram para a Europa. Durante meses ele foi torturado e interrogado no Fort-de-Joux, nas geladas montanhas do Jura, na França.

Sob essa perspectiva, pode-se compreender que sob a liderança de Toussaint Louverture, São Domingos conseguiu pavimentar o seu caminho para a independência posterior.

JEAN-JACQUES DESSALINES E A INDEPENDÊNCIA DE SÃO DOMINGOS: A CRIAÇÃO DE UMA NAÇÃO (HAITI)

Já em relação à segunda fase ou segundo estágio da Revolução Haitiana, marcado pelo caráter revolucionário do movimento, destaca-se Jean-Jacques Dessalines que liderou um grupo de generais, além de ter proclamado a independência do Haiti em 01 de janeiro de 1804. E Dessalines se autoproclamou Imperador a partir do título Jacques I em 1805. Quanto ao perfil biográfico de Dessalines, Dubois (2022, p. 13) relembra que Dessalines havia sido um escravo, bem como nascera no cativeiro na colônia francesa.

Mais adiante, Santos (2018, p. 35) também a respeito de Dessalines, destaca que após a prisão de Toussaint Louverture



[...] um de seus tenentes mais próximos, o liberto Jean-Jacques Dessalines (1758-1806), assumiu o posto de comandante do exército. Uma longa e custosa guerra se seguiu. Porém, em 1804, o exército de Dessalines conseguiu a vitória, proclamando a independência do Haiti, nome de origem indígena que designava a ilha antes da chegada dos europeus.

Desse modo, é importante salientar que Dessalines atuou na insurreição de 1791 (primeiro estágio da Revolução Haitiana) ao ser incorporado às tropas militares sob a liderança de Toussaint Louverture. Ainda de acordo com Morel (2017, p. 67), Dessalines recebeu a responsabilidade de organizar o trabalho da população de ex-escravos e de militarizar os poderes social e político. Ainda de acordo com Morel (2017, p. 67):

Quando chega a notícia do restabelecimento da escravidão nas colônias francesas e da prisão de Toussaint, os chefes negros e mulatos se aliam para uma insurreição geral contra a escravidão e o domínio colonial, cabendo a Dessalines o comando supremo do movimento revolucionário.

Em seguida, de acordo com Andrade (2019), Dessalines era o novo líder do exército negro que combatera o exército francês até a sua vitória em 1º de janeiro de 1804. Assim, Andrade (2019, p. 29) destaca que Dessalines “(...) proclamou a independência fazendo do Haiti a primeira república negra do mundo, aspiração maior de liberdade de todos os escravos das Américas”.

Já de acordo com Morel (2017, p. 66), Dessalines foi, com base nos relatos europeus da época, considerado o mais violento entre os líderes da Revolução Haitiana. Ao mesmo tempo que também é considerado como um dos fundadores do Haiti a partir de propostas que buscavam combater o racismo e instituir a igualdade social.

Quanto ao caráter violento de Dessalines, Pierre (2017, p. 272) enfatiza que esse “radicalismo” era necessário à manutenção da independência do Haiti por meio da preservação da unidade nacional e com o total rompimento do sistema econômico baseado na *plantation* que vigorara por imposição da metrópole francesa.

Ainda, em que pese ao caráter tido como violento de Dessalines, Andrade (2019, p. 30) em relação ao modo de agir do referido líder revolucionário, esclarece que Dessalines

Agiu muitas vezes com mão de ferro e teve pouca tolerância com os fazendeiros brancos remanescentes. A terra fora devastada nos anos de guerra. O comércio virtualmente inexistia e Dessalines tentou tomar medidas excepcionais para a reconstrução da economia do país. Em 1805, concentrando mais poderes, coroou a si próprio como imperador.

Entretanto, Dubois (2022, p. 344) a respeito da violência utilizada por Dessalines, preconiza o seguinte:

Quando estivera sob o comando de Louverture, Dessalines ocupava o cargo de “inspetor da agricultura” e punia os trabalhadores das *plantations* rebeldes

nas áreas sob seu controle, de forma rápida e feroz. Mesmo que sua justiça exemplar fosse parte de uma manobra mais ampla para induzir os franceses a confiarem nele, de modo que pudesse finalmente vencer a batalha final pela independência, isso certamente não servia de consolo para aqueles que foram suas vítimas durante esse período.

Ademais, de acordo com a citação acima destacada, Dubois (2022) reconhece o segundo estágio da Revolução Haitiana a partir da liderança de Dessalines na conquista pela independência de São Domingos culminando com a criação de uma nação.

Assim, nesse segundo estágio, os projetos políticos empreendidos por Dessalines são amparados na formação do Haiti enquanto nação em razão da denominação da porção ocidental da ilha caribenha a partir do resgate do nome que fazia menção aos primeiros nativos da referida ilha. E de acordo com Pierre (2017, p. 259), a alteração do nome constou na “Proclamação do general-chefe ao povo do Haiti”. Em sua análise, Pierre (2017, p. 259) considera a “Ata de Independência” como o “antecedente formal da independência da colônia”. Sendo importante destacar que São Domingos passou a ser chamada de Haiti, ao representar o nascimento de uma nova nação.

Porém, é interessante se atentar à afirmação realizada por Woodward (2014, p. 11) em relação às identidades nacionais, pois, estas se dão em um momento histórico específico e “uma das formas pelas quais as identidades estabelecem suas reivindicações é por meio do apelo a antecedentes históricos”. Também é interessante compreender que a partir do novo nome (“Haiti”), é possível reconhecer os aspectos que estão vinculados aos projetos políticos apresentados por Dessalines.

E ao resgatar a identidade dos nativos taínos da ilha caribenha, Dessalines baseou o nascimento do Haiti a partir de uma fundamentação histórica em uma perspectiva essencialista. Desse modo, Andrade (2019, p. 29), em nota de rodapé, a respeito da origem etimológica do nome Haiti, discorre que “O nome dado ao novo país provém da palavra ‘Ayiti’ (“terra de altas montanhas”) nome indígena com o qual os povos originários taínos denominavam a ilha”.

Sob essa perspectiva de compreensão, o projeto político em comento se direcionou à liberdade total do Haiti em relação à França. Desse modo, Pierre (2017, p. 261) elucida que o novo nome “Haiti” contribuiu para a formação de uma “consciência nacional e uma identidade comum entre os segmentos étnicos de origens socioculturais distintas...”.

Além do mais, Pierre (2017, p. 261) elucida que essa concepção de soberania nacional é uma importante chave de compreensão a respeito do contexto em que foram instituídos os países periféricos. Em seguida, Pierre (2017), em relação ao nome “Haiti”, destaca que esse nome representa um “nome-ruptura” ao simbolizar o resgate do período de liberdade em que a ilha caribenha vivia antes da chegada dos colonizadores europeus. Além disso, Pierre (2017, p. 262), pondera que

[...] certas pistas para indagar o significado do nome Haiti e o motivo pelo qual tal nome foi adotado de maneira unânime pelos atores políticos de 1804. Com efeito, todos esses estudos partem da hipótese de que antes da chegada dos espanhóis em 1492 a ilha se chamava “AYTI” (Haiti), e que Dessalines e seus generais tinham decidido adotar esse nome.

E a respeito dos aspectos que se vincularam à instituição do novo nome “Haiti” (“Ayiti”) considerado como “nome-ruptura”, Pierre (2017, p. 271) discorre o seguinte:

[...] símbolo de um longo período anterior de liberdade, de quebra do sistema econômico de plantação, e expressão, ao mesmo tempo, de afirmação racial, de nacionalismo, e capaz – sobretudo – de permitir que massas inteiras de pessoas oriundas de várias comunidades étnicas distantes e dispersas se identificassem como “espaço de traslado” (a colônia) e adotassem, em comum, uma mesma nacionalidade como expressão desse sentimento inato que impregna o espírito de todos os homens.

Assim, como foi mencionado anteriormente, tais projetos políticos que foram compreendidos como canalizadores para a independência da ilha de São Domingos, estiveram vinculados à defesa da soberania nacional, ao fim do racismo, à igualdade social e ao fim do sistema baseado na *plantation*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do que foi discutido no presente trabalho, é possível afirmar que o objetivo inicial da pesquisa foi alcançado por meio da constatação ao modo como se desenvolveu a construção da identidade na Revolução Haitiana (1791-1804) a partir de uma perspectiva que considera essa revolução um processo complexo, multicultural e heterogêneo.

E com o avanço da pesquisa empreendida foi possível compreender que a abordagem mais adequada na análise do contexto revolucionário de São Domingos, no que diz respeito à identidade como elemento comum entre os grupos envolvidos, é aquela que se baseia em projetos políticos e não somente no elemento étnico. Bem como a concepção a respeito dos projetos políticos permitiu reconhecer dois estágios presentes no processo revolucionário de São Domingos: primeiramente, a emancipação e posteriormente, a independência; com as lideranças de Toussaint Louverture e de Jean-Jacques Dessalines, respectivamente.

Além de ter sido possível observar que em razão da complexidade da Revolução Haitiana, o elemento identitário deve ser interpretado a partir das especificidades presentes no contexto revolucionário de São Domingos, bem como considerar os insurgentes e revoltosos como agentes históricos no processo de conquista pela liberdade e cidadania. Tudo isso contribui para que sejam ampliadas novas perspectivas de análise sobre o estudo da identidade em relação ao contexto latino-americano.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Everaldo de Oliveira. *Haiti: dois séculos de história*. São Paulo: Alameda, 2019.
- BUCK-MORSS, Susan. *Hegel e o Haiti*. São Paulo: n-1 edições, 2017.
- DÉUS, Frantz Rousseau. *Paradoxo haitiano: identidade negra e “branqueamento” na contemporaneidade*. Curitiba: Appris, 2021.
- DRESCHER, Seymor. *Abolição: uma história da escravidão e do antiescravismo*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- DUBOIS, Laurent. *Os vingadores do Novo Mundo: a história da Revolução Haitiana*. Niterói: Eduff, 2022.
- GRONDIN, Marcelo. *Haiti: cultura, poder e desenvolvimento*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 12. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2022.
- HAZAREESINGH, Sudhir. *O maior revolucionário das Américas: a vida épica de Toussaint Louverture*. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.
- JAMES, C.L.R. *Os jacobinos negros: Toussaint L'Ouverture e a revolução de São Domingos*. São Paulo: Boitempo, 2010.
- MARQUESE, Rafael de Bivar. *Feitores do corpo, missionários da mente: senhores, letrados e o controle dos escravos nas Américas, 1660 -1860*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- MOREL, Marco. *A Revolução do Haiti e o Brasil escravista: o que não deve ser dito*. Jundiá: Paco, 2017.
- PIERRE, Guy. *A respeito do nome de uma nação: Haiti*. In: CHIARAMONTE, José Carlos; MARICHAL, Carlos; GRANADOS, Aimer (orgs.). *Criar a nação: história dos nomes dos países da América Latina*. São Paulo: Hucitec, 2017. p. 259-274. (Estudos históricos, v. 97).
- RAMOS, Artur. *As culturas negras no Novo Mundo*. 3.ed. São Paulo: Editora Nacional, 1979. (Coleção Brasileira, v. 249).
- SANTOS, Lara Taline dos. *História da América: das independências à globalização*. Curitiba: InterSaberes, 2018.
- SEITENFUS, Ricardo. *Haiti: dilemas e fracassos internacionais*. Ijuí: Unijuí, 2014. (Coleção relações internacionais e globalização, v. 47).
- WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual*. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.); HALL, Stuart. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 7-72.